

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

IVNA MORGANA DE SOUSA COSTA

**Recortes do cotidiano: O uso de fotografias na análise geográfica das práticas
socioespaciais na Praça da Bandeira em Campina Grande-PB**



Campina Grande – PB

2016

IVNA MORGANA DE SOUSA COSTA

**Recortes do cotidiano: O uso de fotografias na análise geográfica das práticas
socioespaciais na Praça da Bandeira em Campina Grande-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso modalidade
Monografia apresentado à Coordenação de
TCC como requisito parcial para obtenção do
grau de Licenciado em Geografia pela
Universidade Federal de Campina Grande
(UFCG)-Campus Campina Grande.

Orientador: Prof.^aMs. Angélica Mara de Lima Dias

Campina Grande – PB

2016

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

- C837r Costa, Ivna Morgana de Sousa.
Recortes do cotidiano : o uso de fotografias na análise geográfica das práticas socioespaciais na Praça da Bandeira em Campina Grande – PB / Ivna Morgana de Sousa Costa. – Campina Grande, 2016.
52 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades.
"Orientação: Prof.^a Ms. Angélica Mara de Lima Dias".
Referências.
1. Geografia Urbana – Territorialidade – Campina Grande – PB.
2. Praças. 3. Paisagem. 4. Praça da Bandeira. I. Dias, Angélica Mara de Lima. II. Título.

CDU 911.375(813.3)(043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA
CURSO DE GEOGRAFIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

BANCA EXAMINADORA DE: IVNA MORGANA DE SOUSA COSTA

TÍTULO: RECORTES DO COTIDIANO: O USO DE FOTOGRAFIAS NA ANÁLISE
GEOGRÁFICA DAS PRÁTICAS SOCIOESPACIAIS NA PRAÇA DA
BANDEIRA EM CAMPINA GRANDE-PB

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Campina Grande (PB), 05 de maio de 2016.

Angélica Mara de Lima Dias

Prof.^a Ms. Angélica Mara de Lima Dias (UFCG - Orientadora)

Rosimary de Almeida Caldas

Prof.^a Ms. Rosimary de Almeida Caldas (Examinadora Externa)

Thiago Romeu de Souza

Prof. Dr. Thiago Romeu de Souza (UFCG – Examinador Interno)

Dedico este trabalho a meus queridos pais (Djalma Costa e Magna Sousa) e aos meus amados irmãos (Hozana Sousa e Deigle Costa), minha sobrinha (Giselly Pereira) que sempre me acompanharam e me incentivaram a não desistir nos momentos difíceis.

Amo vocês!

AGRADECIMENTOS

Ao término de um grande desafio, se tem, muitas vezes, a participação e colaboração de muitas pessoas que fazem parte da nossa vida. Que nos ensinam e ajudam em momentos de dificuldades ou participam comemorando suas pequenas conquistas no percurso até se chegar ao objetivo final compartilhando da sua alegria no sucesso.

Diante dessas palavras, agradeço primeiramente a Deus por me abençoar em todas as decisões que tenho feito em minha vida, me guiando por bons caminhos e colocando pessoas especiais durante a graduação, e por me dar força de vontade para superar as dificuldades que sempre surgem.

Agradeço secundamente a minha família que sempre me incentivou a continuar os estudos e nunca desistir no caminho, estando presente em todos os momentos, em especial Djalma Alves da Costa, Magna de Sousa Silva, Hozana Francielly de Sousa Costa, Deigle Maikssoney de Sousa Costa, Giselly Francine e Jefferson Oriente.

Agradeço à minha orientadora Angélica Mara, que se preocupou constantemente com o desenvolvimento da presente pesquisa, me guiou e me acalmou nos momentos de crise emocional.

Agradeço ao Programa PET-Educação Conexões de Saberes, que contribuiu para minha formação profissional e pessoal com lições de vida constantes.

Agradeço aos membros da banca examinadora Thiago Romeu de Souza, e Rosimary de Almeida Caldas, por aceitarem o convite e disponibilizarem o pouco tempo que têm para avaliar o presente trabalho de conclusão de curso, nesse momento tão marcante na minha vida.

Agradeço a todos os professores da Unidade Acadêmica de Geografia, em especial a alguns que contribuíram para meu crescimento pessoal e profissional, estes foram Luiz Eugênio (Ô homem chato, Rs) e Lincoln Diniz (sempre humilde e disposto a ajudar).

Agradeço às Instituições de Ensino que me ofereceram apoio durante a graduação, em especial à Escola Estadual Virgínius da Gama e Melo (VGM) onde fui aluna e estagiária durante alguns períodos, e principalmente ao Ministério da Educação (MEC) por me fornecer a bolsa de estudos durante algum tempo.

Agradeço aos meus amigos, em especial: Jéssica Oriente (cunhada), Kátia Nóbrega e Luís Pedro (que brigam mais que tudo, porém sempre estiveram juntos e dando conselhos sobre essa vida acadêmica complicada), Thayse Ferreira e Tiago Marques (além de ser a paciência em pessoa, são companheiros e leais), todos me descontraíram e me deram alegrias e me motivaram a não desistir. Agradeço em especial minha melhor amiga Jessica Dwanssênia que se faz presente à muitos anos com sua amizade sincera.

Agradeço meu noivo Jefferson Oriente, por me aturar em todos os momentos e estar ao meu lado, realizando mais um sonho.

Por fim, e não menos importante, agradeço aos que já se foram, mas que estarão sempre em minha memória e me fortalecendo em pensamento. Se esqueci de alguém peço desculpas, pois a torcida é grande! Deixo neste trabalho todo o carinho, respeito e admiração pelos acima citados, pois sem estes pilares que me sustentaram por todo esse tempo de graduação, e suas significativas contribuições a elaboração deste trabalho de conclusão de curso não teria acontecido.

RESUMO

As praças foram criadas com o objetivo de ser um espaço de encontros para a sociedade. A Praça da Bandeira possui diversidade cultural e socioespacial, que por sua vez tem destaque nesse trabalho, através de recortes do cotidiano utilizando fotografias para análise geográfica das práticas socioespaciais neste ambiente. A escolha desse objeto como recorte territorial justifica-se no fato do mesmo representar a vivência das relações cotidianas de produção e apropriação dos espaços de uso público na cidade de Campina Grande-PB, principalmente no que diz respeito ao uso deste espaço. Essa temática traz uma grande contribuição para a ciência Geográfica, utilizando esse estudo para entender a formação espacial, e as práticas no espaço geográfico. Em Campina Grande existe vários espaços públicos, desta natureza, porém a Praça da Bandeira se destaca por sua centralidade e historicidade na cidade de Campina Grande-PB. Tal espaço expressa uma geograficidade na medida em que, influencia na formação das identidades urbanas, especialmente no que se refere à reprodução de um imaginário social. Para isto utilizamos os fundamentos do método qualitativo pautado na análise semiótica da imagem parada (fotografia) e questionários, além da obtenção de referências bibliográficas em acervos históricos e internet. Espera-se que essa discussão aqui proposta possa contribuir de forma construtiva na elaboração de políticas para melhoria deste ambiente, que vem a ser importante para a sociedade desde os seus primórdios. Mediante esta pesquisa foi possível constatar as diferentes práticas variadas no mesmo território, que por sua vez é repleto de simbologia e diversidade cultural.

Palavras-chave: Praças. Territorialidades. Paisagem. Praça da Bandeira.

ABSTRACT

Squares were created with the finality of to be a recreation area to the society. The *Praça da Bandeira*, has cultural and sociospatial diversities, which in turn has a special attention on this paper, by snips of daily using photos to geographic analysis of sociospatial practices at this place. The choice of this object as territorial snip justifies in the fact that itself represents the experience between daily relations of productions and appropriation of public areas in *Campina Grande-PB*, mainly when it concerns to the using of this area on the geographic means, in other words, this thematic brings a big contribution to the Geography science, using this study to understand the spatial formation, and practices in the geographic area. In *Campina Grande* there is lots public areas, of this kind, nevertheless the *Praça da Bandeira* stands out by its centrality and historicity in *Campina Grande-PB*. Such area expresses a geographicity in the means that, influences in the formation of urban identities, especially regarding to the reproduction of a social imaginary. Thereunto, we use elements of qualitative method lined in the semiotic analysis of stopped image (photography) and questionnaires, further, obtainment of bibliographic references in historic collections and internet. We hope this argument that here was proposed may contribute as a constructive way in the creation of policies to improve this area, which has become important to the society since its beginnings. By this research was possible finding the different practices in the same area, which in turn is full of symbology and cultural diversity.

Keywords: Squares. Photos. Territoriality. Praça da Bandeira.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Área urbana de Campina grande em 1864	16
Figura 2 – Praça antiga na Grécia	19
Figura 3A – Praças-igreja	20
Figura 3B – Praças planejadas no núcleo urbano	20
Figura 4A – Praça do Rosário	22
Figura 4B – Praça dos Índios Cariris	22
Figura 4C – Praça José Américo	22
Figura 4D – Praça da Bandeira	22
Figura 5A – Estátua Juscelino Kubitschek na Praça da Bandeira	23
Figura 5B – Pombos na Praça	23
Figura 6 – Localização da Praça da Bandeira	29
Figura 7 – Grupos distribuídos na Praça da Bandeira	35
Figura 8A – Socialização de Idosos na Praça	37
Figura 8B – Ponto de moto-táxi na Praça	37
Figura 9A – Vendedores ambulantes	38
Figura 9B – Consumidores em geral	38
Figura 9C – Transeuntes	38
Figura 9D – Pessoas aguardando transporte coletivo	38
Figura 9E – Bancas de revista na Praça da Bandeira	38
Figura 10A – Pontos de lanche na lateral da Praça	39
Figura 10B – Fluxo de carros	39
Figura 11A – Praça da Bandeira vista de cima	40
Figura 11B – Comércio da Praça da Bandeira aos sábados	40
Figura 11C – Praça da Bandeira aos domingos	40
Figura 12 – Distribuição de pessoas na Praça da Bandeira	42
Figura 13A – Praça Clementino Procópio	43
Figura 13B – Praça dos “Hippies”	43
Figura 14A – Reforma da Praça da Bandeira	44
Figura 14B – Início da reforma da Praça da Bandeira	44
Figura 15A – Manifestação política	45
Figura 15B – Evento Cultural	45
Figura 15C – Evento social	45
Figura 15D – Eventos informais	45

LISTA DE SIGLAS

CICDAMAS- Colégio Imaculada Conceição

CAD- Colégio Alfredo Dantas

JK- Juscelino Kubitschek

PB – Paraíba

TRS- Teoria das Representações Sociais

LGBTT- Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 CAMPINA GRANDE, PRÁTICAS COTIDIANAS E PRAÇA DA BANDEIRA: UMA LEITURA HISTORIOGRÁFICA.....	14
1.1 HISTÓRIA DE CAMPINA GRANDE E A PRAÇA PÚBLICA.....	14
1.2 PRAÇA DA BANDEIRA: DESENVOLVIMENTO A PARTIR DA DINÂMICA SOCIOESPACIAL.....	19
3 ANÁLISES DAS TERRITORIALIDADES DA PRAÇA DA BANDEIRA EM CAMPINA GRANDE-PB.....	24
2.1 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS RELACIONADA À PRAÇA DA BANDEIRA EM CAMPINA GRANDE-PB.....	24
2.2 TERRITORIALIDADES NA PRAÇA DA BANDEIRA EM CAMPINA GRANDE-PB...27	
2.3 PRAÇA DA BANDEIRA: CAMINHOS PERCORRIDOS NA PESQUISA.....	31
4 IMAGENS E IDENTIDADES: A CONSTRUÇÃO DA PRAÇA DA BANDEIRA VISTA ATRAVÉS DE FOTOGRAFIAS.....	33
3.1 IDENTIDADES NA PRAÇA DA BANDEIRA	33
3.2 GRUPOS SOCIAIS: CONSTRUÇÃO DO PERFIL DOS FREQUENTADORES DA PRAÇA DA BANDEIRA VISTO NAS FOTOGRAFIAS.....	36
3.3 ANÁLISE DOS GRUPOS SOCIAIS E DA SUA SOCIABILIDADE.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	48
APÊNDICE A ROTEIRO DE ENTREVISTAS.....	51

INTRODUÇÃO

Estudar as praças de uma cidade requer uma certa delicadeza, uma vez que estas possuem um grande valor histórico para qualquer cidade, por fazer parte do desenvolvimento possui uma trajetória marcante e histórica se tratando de uma sociedade. Nelas existem práticas sociais que resultam na participação ativa da vida de uma população.

Este trabalho aborda a Praça da Bandeira localizada na cidade de Campina Grande- PB, dando ênfase às dinâmicas socioespaciais, mencionando as territorialidades envolta desse segmento na sociedade e na própria ciência geográfica, pois os cidadãos em si, criam ambientes e informações que por sua vez o influenciam significativamente.

Nesse sentido, observamos neste trabalho a praça através da vivência cotidiana dos seus usuários, no qual os indivíduos que utilizam de maneira diária esse espaço público e que definem as territorialidades que aparecem cotidianamente neste lugar. Quem vive de fato o espaço urbano de uma cidade sabe que este tem a necessidade de ser observado uma vez que o mesmo expressa diferentes tipos de representações.

Segundo Pereira (2008) as primeiras praças eram vitais no contexto de vida da sociedade, estas eram consideradas um dos locais mais significativos da cidade, observada como produto coletivo, assim, um espaço produzido a partir de um conjunto de representações e vivências rotineiras no qual cada um exerce uma função social sobre este ambiente, imprimindo no mesmo múltiplas territorialidades.

Este trabalho busca permitir ao leitor a análise das práticas socioespaciais da Praça da Bandeira na cidade de Campina Grande a partir do uso do registro fotográfico. Ou seja, temos a exposição de fotografias capturadas em dias alternados, analisando como acontecem as vivências e representações das pessoas para com este espaço.

A análise das práticas territoriais desses sujeitos sociais torna-se de interesse científico uma vez que as estratégias e táticas dos mesmos acabam influenciando no cotidiano urbano, conforme evidenciado por Pimenta (2000) ao estudar a relação dos sujeitos sociais nos espaços dos grandes centros urbanos do país.

Diante destas palavras, o objetivo principal do presente trabalho foi a identificação das práticas socioespaciais dos indivíduos que utilizam a Praça da Bandeira na cidade de Campina Grande – PB, assim como o propósito científico específico de identificar a percepção dos usuários quanto à influência no processo da sua apropriação e sua produção espacial. Além do mapeamento dos horários em que cada grupo social se estabelece nesse território, e a exposição das identidades urbanas expostas nesta localidade.

Utilizamos como metodologia a abordagem da pesquisa qualitativa, tendo em vista a busca por referencial bibliográfico, análise de imagens capturadas na própria Praça e até mesmo de internet e análise de questionários.

Sendo assim, o presente trabalho está estruturado em três capítulos abordão sobre a temática Praça da Bandeira. O primeiro capítulo intitulado *Campina Grande, práticas cotidianas e Praça da Bandeira: uma leitura historiográfica*, aborda a análise do processo histórico de formação da cidade de Campina Grande, da história das praças numa escala mundial, nacional, até regional, e da origem e criação da Praça da Bandeira, trazendo todas as suas modificações até sua configuração nos dias atuais.

O segundo capítulo intitulado *Análises das territorialidades da Praça da Bandeira em Campina Grande-PB*, se trata especificamente do referencial teórico utilizado na pesquisa, além da abordagem dos vários conceitos geográficos utilizados, bem como os procedimentos metodológicos que se fazem presentes neste trabalho.

O terceiro e último capítulo do trabalho aborda o seguinte contexto: *Imagens e identidades: a construção da Praça da Bandeira vista através de fotografias*. Nesta parte do trabalho se estabelece uma discussão sobre as identidades deste espaço através das imagens registradas, ou seja, são expostas as práticas dos grupos sociais. Além da discussão sobre o roteiro de entrevista realizado com frequentadores do ambiente.

Mediante estas palavras esperamos que este trabalho contribua para o conhecimento da cidade de Campina Grande-PB e das práticas que se fazem presentes na Praça da Bandeira. E que sirva de referência para outros estudos geográficos, históricos e demais profissionais que se identifiquem com a temática.

1 CAMPINA GRANDE, PRÁTICAS COTIDIANAS E PRAÇA DA BANDEIRA: UMA LEITURA HISTORIOGRÁFICA.

“Um lugar de diversidade de pessoas e mais movimentado da cidade.” Obtido através de pergunta no questionário sobre a Praça da Bandeira.

1.1 HISTÓRIA DE CAMPINA GRANDE E A PRAÇA PÚBLICA

Este capítulo discorre a história do crescimento e evolução da cidade de Campina Grande-PB, além do desenvolvimento das praças em escala maior que seria mundial, e escala regional se tratando da cidade, destacando assim, a Praça da Bandeira e suas práticas cotidianas.

Tendo em vista o contexto histórico que a cidade de Campina Grande-PB expõe, não seria possível aqui destacar toda a gama de informações presentes nos ambientes marcantes em seu espaço. Porém, é de fundamental importância destacar alguns, que de fato fazem da cidade o que ela vem a ser hoje. Estes trazem uma dinâmica espacial, e uma expressão que desenvolve de uma maneira diferente o lugar. Para Pinto (2003), desde os primórdios da história trabalha-se com o debate sobre construções que vai de ruas e vias a praças que formam, portanto o espaço urbano. É nesse contexto, que se faz necessário abordar a definição de praça pública, já que este ambiente da cidade tem uma grande influência sobre este espaço. Ainda de acordo com esta autora temos praça como:

Espaço público aberto construído ou adaptado a um vazio urbano, ou até mesmo aberto no meio do espaço urbano, e que tem seu uso definido – não apenas a partir da análise do entorno ao qual está inserida, ou dos prédios que compõem o conjunto da praça – mas também pela análise da tipologia adquirida em função da topografia e do seu entorno (PINTO, 2003, p.26).

Nesse contexto, a praça é observada como produto coletivo, um espaço produzido a partir de um conjunto de representações e vivências rotineiras no qual cada um exerce uma função social sobre este ambiente, imprimindo no mesmo, múltiplas territorialidades ou conforme Pereira (2008):

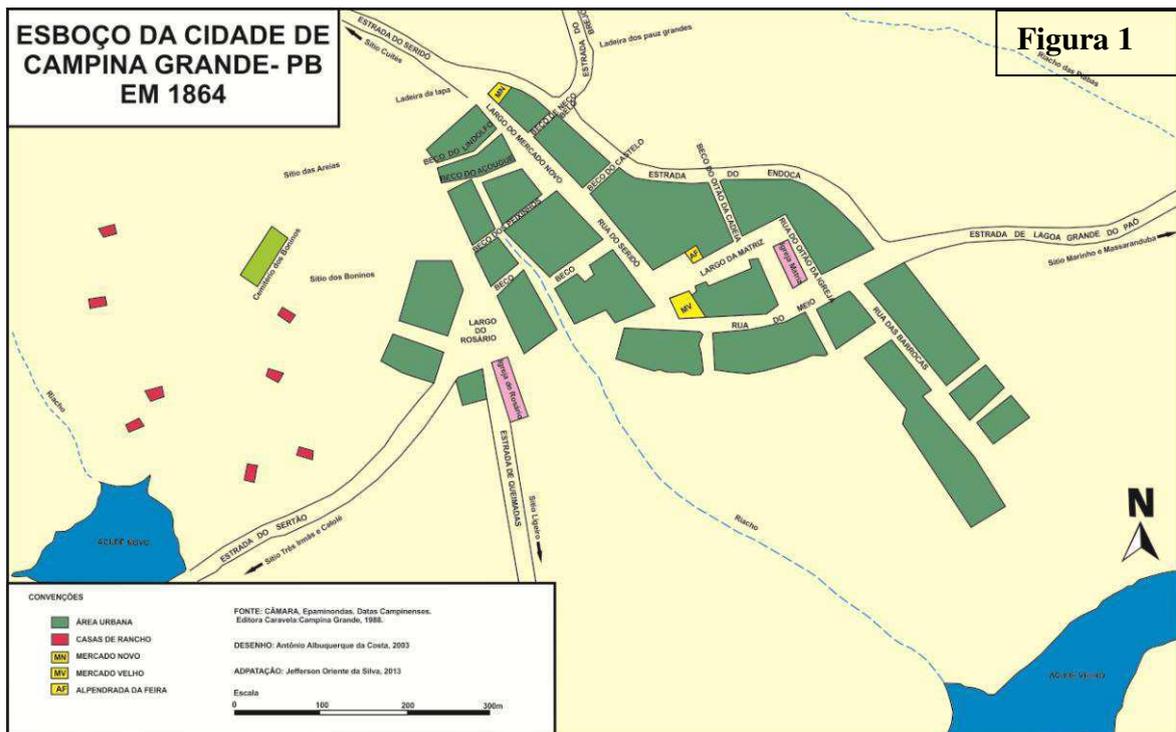
A praça pública é o espaço das afectividades e é nela que acontecem os encontros do quotidiano nos grandes centros urbanos. [...] lugar público intencional de permanência, de encontro, de comércio e de circulação, funcionando ainda como palco para importantes acontecimentos festivos, comemorações e manifestações [...] Tem um sentido fundamental na vida da cidade e na vida dos seus cidadãos[...]. A praça era o centro de troca de bens e informação, onde se fazia justiça ou celebrações (p.28).

É importante destacar exatamente esses aspectos de circulação e movimentação na praça pública, onde se destaca várias práticas no cotidiano das pessoas que ali transitam e de certa forma, criam afetividades, e vivem continuamente o espaço.

Quando se analisa a circulação e movimentação, pode-se mencionar o fato da cidade de Campina Grande-PB que se tornou favorecida no que diz respeito a sua posição geográfica, que está entre litoral e o sertão paraibano, isto porque serviu como acesso e estadia para comerciantes que seguiam constantemente a dinâmica de viagens longas pelo estado da Paraíba, por este motivo foi principal responsável pela criação de ruas que interligassem essa dinâmica com outros pontos de desenvolvimento nos estados vizinhos, com objetivo de fluxos tanto para a produção nacional. E dessa maneira havia uma articulação entre as praças, ruas e construções de modo que favoreceu o crescimento da cidade.

Segundo Câmara (*apud* SÁ, 2000), ao se tornar cidade em 1864, Campina Grande- PB se tratava de apenas um pequeno conjunto urbano com pouco mais de 300 residências, distribuídas em 04 ruas, 03 largos e 08 becos. Contudo houve uma mudança em 1907, com a implantação da ferrovia, desta forma acelerou o desenvolvimento urbano, que por sua vez conta com os 05 primeiros bairros (Centro, Açude velho, Areias, José pinheiro e Piabas), seguidos 38 ruas, 08 travessas, 731 residências e 07 praças, assim totalizando 11.000 habitantes.

É importante destacar que as praças citadas anteriormente, estas eram consideradas centrais na cidade, que foram sendo construídas no momento de expansão espacial da cidade de Campina Grande-PB. Tendo em vista que seu crescimento urbano se deu de forma espontânea não tendo sido levado em consideração nenhuma legislação ou plano de ampliação da malha urbana. Observa-se uma adaptação do primeiro mapa da cidade, no qual é mostrado o esboço da cidade de Campina Grande em 1864, onde percebemos a área urbana nesse período (Figura 1). Lembrando que de acordo com a data em que a Praça da Bandeira foi inaugurada na cidade de Campina Grande, ela não fazia parte do conjunto urbano nesse período do mapa abaixo.



A cidade de Campina Grande-PB era vista como cidade moderna e que crescia constantemente, por volta dos anos 1950 havia assim deixado de ser província com modificações no que diz as ruas alargadas e desobristuídas (SOUZA, 2012). Reformas nesse período eram constantemente exigidas por moradores, que usavam os espaços públicos, como cinema que já havia sido construído, e outros locais para diversão e lazer, como as praças que eram melhoradas para passeios agradáveis, por exemplo. De acordo com o mesmo autor, Campina Grande-PB era vista como:

Cidade posta em cima de uma serra, vendo o céu mais perto e as estrelas mais luminosas. [...]As atividades humanas, que elastece e fatigam os músculos, as que despertam e inquietam os cérebros, computadas nestes 60 mil habitantes da Chicago paraibana, surgem-nos, impressionante e magnificamente. Nas oficinas movimentam-se operários, em labor consciente e produtivo. Nos escritórios e estabelecimentos bancários, escrituram-se volumosos livros de contas correntes, ouvindo-se o grilante ruído das máquinas[...] (SOUZA, 2012, p.23).

Como palco de muitas afetividades, as praças se tornam espaços presentes na vida do cidadão, isto porque se faz acreditar as cidades contêm pelo menos uma praça, que vem a ser um marco urbano, palco de eventos marcantes, espaço agregador ou local de afluência (LIMA, 2013), consistindo como ambiente público e de livre expressão, contribuindo para o desenvolvimento da cidade no ponto de vista social, político e cultural, além de trazer várias atividades que marcam a história desse ambiente.

Nesse aspecto é essencial destacar a importância da praça para sociedade como um todo, principalmente no que diz respeito às práticas de lazer e também sociais, que são práticas que fazem parte do cotidiano da população, por isso é fundamental compreender essa configuração na dinâmica territorial deste espaço. Lima (2013) afirma que:

[...]devemos atentar para o fato de que nos espaços urbanos, as praças são muito mais do que espaços livres; elas estão dotadas de histórias, vivências, experiências, imaginários e simbolismos impressos pelos diversos sujeitos que compõem o seu cenário (p.35).

Ainda nos dizeres do mesmo autor há uma construção de uma nova identidade da cidade, através dos usos e olhares voltados para a praça como ambiente de construção de simbologias e expressões de diferentes significados. Essas identidades são por sua vez, construídas e transformadas a partir das relações das pessoas, que são vistas como atores que compõem um conjunto de atributos culturais, como afirma Castells (1999):

[...] identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significado. Para um determinado indivíduo ou ainda ator coletivo, pode haver identidades múltiplas (p.22).

A identidade, portanto trata-se de atores coletivos, ou um simples indivíduo criando experiências e dando significado, podendo haver múltiplas identidades em um mesmo local que são construídas através da história, geografia e também pelo poder, aparatos e cunho religioso, segundo o autor acima.

Relacionando estas identidades coletivas e construídas, pelos próprios usuários da Praça com o espaço público, que segundo Narciso (2009) é o espaço da/na cidade, constituindo um fator importante de identificação, lugar dos símbolos, da socialização, dos encontros. Para entender um pouco sobre o espaço público Praça, devemos citar a complexidade da discussão sobre público versus privado, no qual público está voltado para o lado simbólico referindo-se as representações sociais, políticas, culturais e religiosas. Já o privado, tem a ver com as formas de consumo no espaço, implícitos no comércio, que se prendem a privatização, subordinando-se ao mercado, muito observado neste objeto de estudo, já que a Praça da Bandeira é um local público, porém contém um lado voltado para o comércio, tanto de vendedores ambulantes quando de lojas específicas nela.

Abordando as questões do uso do espaço público, Santos (2006) afirma que:

O espaço se impõe através das condições que ele oferece para a produção, para a circulação, para a residência, para a comunicação, para o exercício da política, para o exercício das crenças, para o lazer e como condição de "viver bem"[...]Mas o mesmo espaço pode ser visto como o terreno das operações individuais e coletivas[...] (p.34).

Existe nesse espaço público uma criação de afeições, o convívio desses personagens transforma-se de acordo com o cotidiano, onde frequentar o lugar, gera experiências que, por sua vez, são particulares e expressivas em cada ato de consumo daquele espaço, nesse caso seria o uso da praça pública. Guimarães (2002) afirma que cotidiano é:

[...]prisma da representação social do dia-a-dia, ou seja, falar em cotidiano num primeiro momento nos leva a pensar diretamente em ações que dizem respeito a nossas rotinas, a tudo que se realiza empiricamente, repetidamente, é o viver o dia-a-dia de uma forma quase que banal(p.11).

Além disso, existe outro pensar quando se trata de cotidiano de acordo com a mesma autora, que seria a contribuição de vários autores para a construção deste, há, portanto, a ação do homem sob o objeto denominado neste estudo praça pública, que vem a ser transformada para o uso do próprio homem, que na sua vida cotidiana, tem seus hábitos, costumes, ações consideradas repetitivas, contudo familiares. A praça de modo geral, se faz presente nesse cotidiano, devido ao uso constante desse espaço, além das práticas que se tornam culturais e fundamentais neste local.

As práticas visadas neste trabalho e presentes na Praça são as socioespaciais, que de acordo com Catalão (2011) são a produção do espaço num determinado momento histórico, real ou potencial, relacionado com um possível plano de remodelação urbanística. Ou seja, é importante evidenciar a formação da praça como um espaço marcado por história e vivências cidadinas de pessoas que o criam e o transformam constantemente.

A relação da praça com o espaço está relacionada com produção que existe e se faz presente neste; principalmente quando se trabalha com as questões do seu uso, e como a população interage com este, por isto que, muitas vezes o espaço em si se confunde com paisagem, nesse caso, Santos (2006) ainda explica como estes se diferenciam:

a paisagem é apenas a porção da configuração territorial que é possível abarcar com a visão. Assim, quando se fala em paisagem, há, também, referência à configuração territorial e, em muitos idiomas, o uso das duas expressões é indiferente. [...]O espaço, uno e múltiplo, por suas diversas parcelas, e através do seu uso, é um conjunto de mercadorias, cujo valor individual é função do valor que a sociedade, em um dado momento, atribui a cada pedaço de matéria, isto é, cada fração da paisagem (p.67).

O espaço e a paisagem ambos são de fundamental importância no que se trata de praça pública, pois traz toda uma dinâmica acerca de valores implantados neste ambiente. Posteriormente, toda essa dinâmica ao longo dos anos de desenvolvimento, transformaram a organização da Praça da Bandeira em Campina Grande - PB em um espaço influente, pois neste acontecem eventos históricos, eventos políticos, relações humanas em geral, há toda uma dinâmica de uso do espaço por outros grupos.

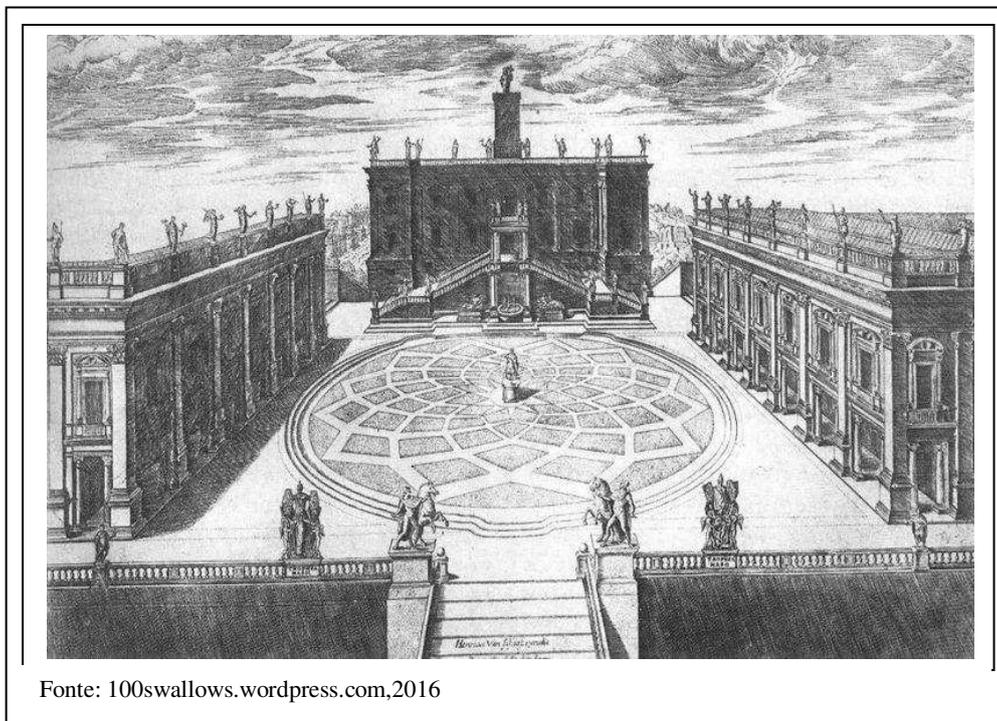
1.2 PRAÇA DA BANDEIRA: DESENVOLVIMENTO A PARTIR DA DINÂMICA SOCIOESPACIAL.

Para entender um pouco mais dessa dinâmica socioespacial na Praça da Bandeira é necessário que tomemos por base um arcabouço histórico de seu surgimento no cenário Grego, pois este surge como um espaço de lazer, devido às práticas neste lugar, desde seu surgimento estiveram ligadas ao entretenimento. As praças na Grécia antiga eram consideradas um dos locais mais importantes, um local amplo, privilegiado no que diz respeito às dinâmicas ali encontradas, como afirma Pereira (2008) citando sobre estas, que, eram conhecidas como “ágoras”:

[...]É o caso da ágora – a praça grega e antepassada longínqua das nossas praças. A ágora era o centro dinâmico da cidade grega.[...] era um local amplo e privilegiado na cidade, limitado pela composição urbanística, normalmente rodeado de colunas e estátuas, onde os cidadãos se reuniam para falarem e para fazer política. Era na ágora que surgiam as correntes de opinião e de pensamento.[...] as ágoras eram limitadas por diversos equipamentos públicos: as câmaras de deliberação, o teatro, sala de música, o ginásio, a pista de corrida (p.25).

Nesse contexto, as ágoras (Figura 2) eram consideradas um local de liberdade para a comunidade, local para reuniões familiares, passeios, entre outros.

Figura 2- Praça na Grécia Antiga



Fonte: 100swallows.wordpress.com,2016

Falar da Praça num contexto de nível Brasil, de acordo com Caldeira (2007) é abordar os costumes dos portugueses, que trouxeram um padrão de espaço urbano distribuído em todas as cidades brasileiras, conforme sua apropriação, ela cita as praças brasileiras:

as praças aparecem justamente como locais de articulação urbanística e arquitetônica, cujo espaço reúne as principais estruturas institucionais da cidade. Característica fundamental na estruturação dessas praças é a formulação de vários modelos para abrigar funções e atividades diferentes. A configuração desses conjuntos urbanos consolidou um padrão urbanístico que se implantou na maioria das cidades brasileiras: espaços distintos de caráter cívico, religioso e comercial (CALDEIRA, 2007, p.76).

Ainda de acordo com o autor acima as praças brasileiras estavam vinculadas as “praças-igrejas”, ou seja, a paisagem era, portanto formada desse espaço em frente às igrejas (Figura 3A), com seu formato retangular e sem arborização, porém iniciou-se a formação de praças planejadas no núcleo urbano (Figura 3B), que foram construídas valorizando o “verde” e principalmente visando o lazer.

Figura 3A – Praças-igreja

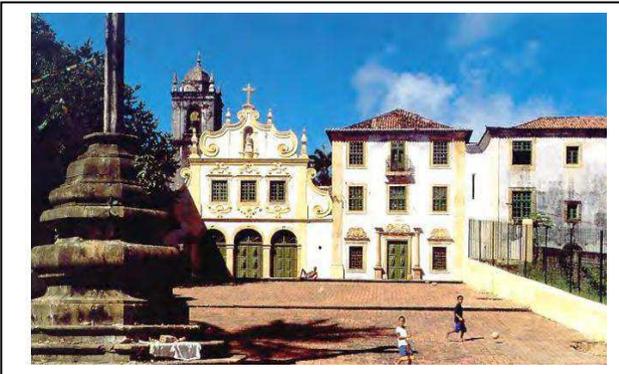


Figura 3B – Praças planejadas no núcleo urbano

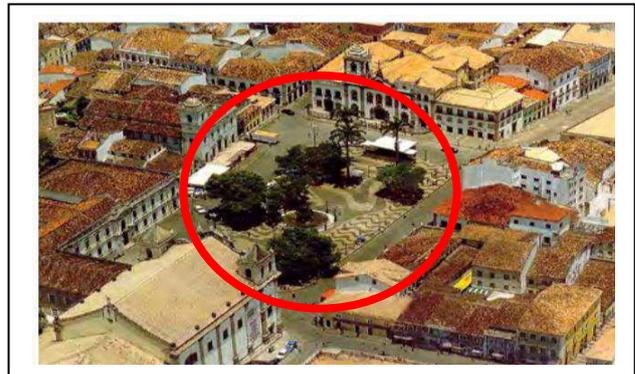


Figura 3A- Convento franciscano mais antigo do Brasil, Olinda em 1585.

Figura 3B –Terreiro de Jesus, Salvador em 2001.

Fonte: *cpdoc.fgv.br*. 2016

Não muito diferente com o que aconteceu com a cidade de Campina Grande-PB, o desenvolvimento das praças no Brasil esteve ligado ao processo de industrialização e crescimento das cidades, pois neste exato momento a cidade campinense passava por um momento único em toda sua história, a chegada do trem no ano de 1907, que por sua vez forneceu novos rumos de crescimento a cidade, assim como a fundação das principais praças centrais na cidade que eram espaços que representavam, portanto maiores concentrações de urbanização e um espaço que privilegiava a cidade.

Como citado anteriormente sobre a urbanização nas cidades, o surgimento das praças de Campina Grande se deu em meados de 1930, esse contexto tratou-se de um marco na história da cidade em questões de desenvolvimento. Podemos destacar antes da inserção das praças a chegada da ferrovia em 1907, com a importante finalidade do aumento da maquinaria e do transporte, assim trazendo para a cidade progresso e conforto, alinhando-se ao ciclo algodoeiro, através do qual a cidade ficou conhecida como a “Liverpool Brasileira”.

É perceptível, assim, relacionar o surgimento das praças com o desenvolvimento da cidade e a construção de uma identidade urbana e expressões de diferentes práticas territoriais neste espaço, como aborda Souza (2012) sobre as praças de Campina Grande:

praças eram espaços de circulação, de congregar, mas também de disputas. Tais disputas se davam entre pessoas e carros, carros e lambretas, carregadores e esmoleres, prostitutas e senhoras da alta sociedade. [...] o mundo do trabalho tocava o mundo do lazer (p.28).

Na cidade de Campina Grande, as praças de modo geral eram locais de convivência social, tanto para conversas depois do trabalho, como para práticas de vendas comerciais, práticas sociais, políticas e culturais, dos moradores que habitavam a cidade.

Dessa forma, a dinâmica socioespacial nessa área de abrangência da cidade de Campina Grande-PB, pode-se denominar de acordo com os pensamentos de Lima (2013) em que afirma:

a vida social de seus habitantes ainda possui vínculos muito fortes com os seus espaços públicos, tornando-os efetivamente territórios de sociabilidades, de consumo e de lazer, sobretudo nas praças públicas. Estas se tornam territórios onde ocorrem os principais eventos, manifestações e práticas sociais (p.23).

Ou seja, o processo das relações sociais, juntamente com o espaço social, que é a Praça da Bandeira em Campina Grande-PB, tem sua construção nas relações dos habitantes e seus vínculos para com este ambiente de tantas expressividades e práticas de convívio.

Nesse contexto, é importante ressaltar os primeiros nomes dados a Praça da Bandeira, que inicialmente era conhecida como Praça do Rosário (Figura 4A) no início dos anos 30, por estar próximo a Igreja do Rosário. Em seguida, era conhecida como Praça dos Índios Cariris (Figura 4B) ainda nos anos 30; ficou no lugar do antigo prédio dos correios que foi novamente reconstruído no ano de 1950, também foi conhecida como Praça José Américo (Figura 4C), porém não se sabe a data que teve essa denominação, e por último, foi denominada como Praça da Bandeira (Figura 4D) em 1960, como é conhecida até os dias de hoje.

Figura 4A- Praça do Rosário



Figura 4B- Praça José Américo



Figura 4A-Praça do Rosário, Anos 30.

Figura 4B - Praça Índios Cariris, Anos 30.

Fonte: Souza e Araújo. Retalhos históricos de Campina Grande, 2016.

Figura 4C- Praça Índios Cariris



Figura 4D- Praça da Bandeira



Figura 4C - Praça José Américo, Sem data.

Figura 4D - Praça da Bandeira, 1960.

Fonte: Souza e Araújo. Retalhos históricos de Campina Grande, 2016.

Já mencionado acima, a Praça da Bandeira foi fundada em meados dos anos 1930 com várias nomenclaturas, tendo como principal característica ser no centro da cidade e atrair diversos eventos políticos, religiosos, eventos históricos, ponto de apresentações culturais, entre outros.

De acordo com a descrição do próprio monumento do Presidente Juscelino Kubitschek (Figura 5A) localizado na Praça, esta recebeu o nome, dando homenagem ao símbolo nacional que é a própria bandeira. O monumento JK encontrado na praça tem duas datas de inauguração, pois esta sofreu várias reformas, uma delas é 11 de setembro de 1973 e a outra é 28 de fevereiro de 1984. Porém é de conhecimento que ela foi construída há muitos anos. Possui uma área total de 3.550 m² e é também conhecida como “Praça dos Pombos” (Figura 5B), devido à grande quantidade desses animais, estarem frequentemente na praça. É de costume dos pais, saírem de suas casas com seus filhos, para alimentar estes animais.

Figura 5A

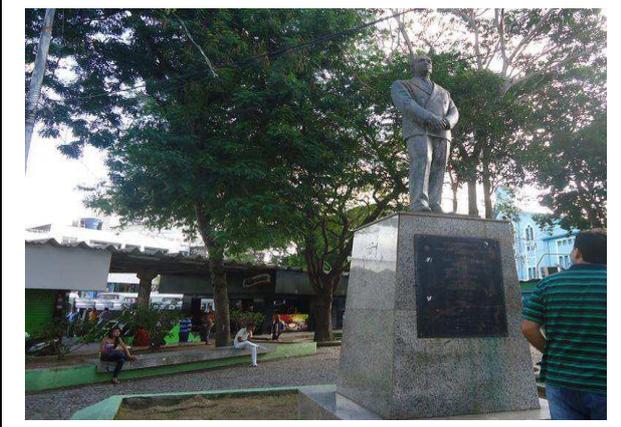


Figura 5B



Figura 5A- Monumento JK na Praça da Bandeira.

Figura 5B – Pombos na Praça da Bandeira.

Fonte: Ivna Sousa, 2015.

www.trilhosurbanos.com, 2016

Neste sentido, é preciso reconhecer a Praça da Bandeira como um espaço importante na cidade de Campina Grande-PB, devido sua história, seu uso, suas atividades cotidianas, seus eventos, suas práticas políticas, sociais, culturais, enfim, toda sua dinâmica socioespacial, bem característica de cidade de grande porte o que a torna um (ou) vários territórios.

No capítulo 2 a seguir, será abordado sobre a teoria empregada neste trabalho, além de conceitos da ciência geográfica utilizadas relacionado com a temática de estudo Praça da Bandeira.

2 ANÁLISES DAS TERRITORIALIDADES DA PRAÇA DA BANDEIRA EM CAMPINA GRANDE-PB.

*“Um lugar sociável que carrega uma bagagem cultural. Espaço dinâmico onde ocorrem eventos para a cidade.”
Obtido através de pergunta no questionário sobre a Praça da Bandeira.*

2.1 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS RELACIONADA À PRAÇA DA BANDEIRA EM CAMPINA GRANDE-PB

Neste capítulo veremos o referencial teórico do trabalho, destacando a teoria utilizada, além dos vários conceitos abarcados para tornar a pesquisa científica.

A pesquisa está estruturada a partir da teoria das representações sociais mediante a análise dos conceitos de Imaginário, Intencionalidade e território, todos estes conceitos serão relacionados ao objeto da pesquisa, a Praça da Bandeira em Campina Grande.

Como teoria importante no tratamento das informações referentes aos segmentos organizados, nesse caso, dos usuários da Praça da Bandeira em Campina Grande, refere-se às Representações Sociais (TRS), que de acordo com Santos e Almeida (2005) vem a ser um método teórico ou um saber científico que visa compreender e explicar a elaboração e desenvolvimento desse conhecimento obtido mediante informações do senso comum, precisando de um estudo específico sobre este. Ainda para as autoras:

Não é portanto, todo e qualquer conhecimento do senso comum que pode ser denominado de representação social. Para gerar representações sociais o objeto deve ser polimorfo, isto é, passível de assumir formas diferentes para cada contexto social e, ao mesmo tempo, ter relevância cultural para o grupo (SANTOS e ALMEIDA, 2005, p. 22).

Essa teoria está presente em várias ciências, não só na geográfica, uma vez que teve sua idealização na área da Psicologia, que por sua vez esta teoria vem dar sentido à realidade social, ao fato de produzir as identidades. Não é deste modo, qualquer saber desse tipo de senso que pode ser caracterizado como elemento da representação social, e para ser considerado como parte da teoria das representações sociais é necessário ter um elemento de estudo capaz de se adequar ao contexto social que tenha relevância cultural para o grupo objeto da pesquisa. O procedimento de construção social da realidade presente na proposta básica desta teoria busca compreender a relação entre sujeito e objeto, portanto outro fato importante a ser pontuado está na relação entre as representações e a comunicação, pois para sua elaboração deve-se levar em consideração a associação entre indivíduo e sociedade.

Trabalhar a Teoria das Representações Sociais requer o entendimento de associação entre conteúdo e processo, pois como afirma Santos e Almeida (2005):

[...] Seu estudo remete necessariamente aos processos perceptivos e imaginários do sujeito, às forças sociais e aos conteúdos culturais subjacentes às relações numa sociedade determinada bem como a sua função mediadora entre indivíduo e sociedade (p. 26).

É importante estudar as dimensões da Representação Social visando o meio social em que o próprio indivíduo está inserido. Nesse ponto de vista, a atitude remete-se a uma resposta organizada, consiste em um posicionamento relacionado a um determinado objeto, estando ligada à vida deste indivíduo. Com relação à informação, esta configura a quantidade e qualidade das informações ou conhecimento tido a respeito do objeto social. Para finalizar, o campo da representação faz referência a uma integração conjunta dos elementos que apresenta a organização desse conteúdo, bem como as suas peculiaridades individuais (MOSCOVICI, 1976, *apud*, SANTOS e ALMEIDA, 2005, p.26). Confirmando o que as autoras (2005) apontam como campo da representação social, esta é listada em uma estrutura hierarquizada dos elementos da informação apreendida e elaborada.

Tendo como base central essa ideia em que a Representação Social é um agrupamento de conceitos que estão conectados originando as práticas sociais individuais ou grupais, sua finalidade é dar sentido à realidade social, como afirmado anteriormente, além de produzir identidades, organizar as comunicações e orientar as condutas, as autoras apresentam quatro funções que se destacam no estudo da TRS.

Destaca-se nesta teoria, portanto, as quatro funções da representação social, sendo estas a **Função do Saber**, que tende a explicar, compreender e dar sentido à realidade que a sociedade possui. Em seguida, temos a **Função de Orientação**, relacionada nas representações como rumos de conduta, norteando as práticas sociais e a **Função Identitária**, cujo objetivo é compartilhar uma representação social de um grupo, assim o definindo e diferenciando de outro. Por último, tem-se a **Função Justificadora**, na qual as representações sociais servem como referências comprobatórias do comportamento (SANTOS e ALMEIDA, 2005).

De acordo com Arruda (2003) a representação parte de algo construído por alguém, que produz o território vivenciando naquele local. Assim, os espaços vivenciados pelos indivíduos que utilizam a Praça da Bandeira serão observados à luz desta Teoria.

Baseando-se na ideia de Lima (2003) a representação social refere-se à percepção de determinados grupos sobre um assunto cotidiano e seu o posicionamento em relação a este objeto. Para Jodelet (*apud* LIMA, 2003):

As representações sociais permitem guiar-nos no “modo de nomear” e definir o conjunto de diferentes aspectos da nossa realidade de todos os dias, na maneira de os interpretar, decidir sobre eles, e se a ocasião apresenta, posicionar-se em relação a eles e defender essa posição (p.99).

De acordo com as considerações de Arruda (2003) para se trabalhar com representações é necessário comunicar-se com o local em que estudo, ou seja, deve haver uma exposição da complexidade dos dados obtidos no ambiente e nesse caso, uma interpretação maior dos significados das imagens capturadas na Praça da Bandeira.

A fotografia se constitui como uma das alternativas mais viáveis para análise das representações sociais, uma vez que possibilita a visualização das intencionalidades e materializações dos olhares dos sujeitos sobre os espaços produzidos e apropriados.

Existem, portanto, várias intencionalidades no que diz respeito ao uso da Praça da Bandeira. Contribuindo com a TRS, Searle (2002) aborda os afetos característicos intencionais, ou seja, possuem intencionalidades em suas aplicações:

[...] alguns exemplos de estados que podem ser intencionais: crença, temor, esperança, desejo, amor, ódio, aversão, agrado, desagrado, dúvida, imagina, alegria, exaltação, depressão, ansiedade, orgulho, remorso, pesar, culpa, regozijo, irritação, perplexidade, aceitação, perdão, hostilidade, afeição, expectativa, ira, admiração, desprezo, respeito, indignação, intenção, anseio, vontade, imaginação, fantasia, vergonha, luxúria, nojo, animosidade, terror, prazer, abominação, aspiração, divertimento e desapontamento (p. 04).

De acordo com Searle (2002), as intencionalidades são uma propriedade de vários estados e também de eventos mentais, os quais estão apontados para objetos e estados de coisas de mundo, ou seja, quando há intenção de se fazer algo, assim, o indivíduo irá comumente “fazer alguma coisa”. Para este autor, se há uma intenção deve ser a intenção de se realizar algo, que por sua vez remete-nos a direcionalidade ou aproximação. Vale ressaltar também que alguns estados mentais não possuem intencionalidade, estes para serem considerados parte da teoria necessitam atender à questionamentos fundamentais como: “A que se refere? Em que consiste? E o que é um, tal que?”.

Para pensar a apropriação territorial tem-se, segundo Sousa (1995) o Território, que é um espaço definido e delimitado a partir de relações de poder e partindo do entendimento de que não há território sem relações sociais inseridas no espaço, as territorialidades estabelecidas pelos usuários da Praça da Bandeira se dão mediante a uma espécie de apropriação do próprio espaço, com valor do seu uso. Para Raffestin (1993), esse poder trajado nas práticas estabelecidas no território surge de duas formas que se diferenciam ao serem gramaticalmente escritos no que diz respeito às iniciais maiúscula e minúscula, ou seja, caracterizando o “Poder” (nome próprio) como a soberania de estado, evidenciado muitas vezes na aplicação das leis e o “poder” (nome comum) como a parte intrínseca imanente das relações sociais, considerado como mais perigoso, devido o seu uso ser

praticado pelos indivíduos a qualquer momento contribuindo ou não para essa relação social, que neste aspecto serão tratadas nesta pesquisa.

2.2 TERRITORIALIDADES NA PRAÇA DA BANDEIRA EM CAMPINA GRANDE-PB

Partindo da realização de trabalhos de campo exploratórios, incluindo fotografias e observações identificadas em matérias audiovisuais dos principais telejornais da cidade, percebe-se que a Praça da Bandeira vem reconfigurar significativamente os espaços de lazer e recreação da cidade. Não é raro nos depararmos nos espaços públicos, com práticas de vendas e uso diário do referido espaço principalmente nos dias de sábado, embora todos os dias este espaço seja utilizado.

Outro fator importante a ser pesquisado e discutido é a não diferenciação dos indivíduos quanto a classes, faixas etárias e setor econômico, uma vez que os indivíduos que utilizam este espaço possuem de diferentes idades, porém em sua maioria idosos, diferentes etnias, e diversas classes sociais. A imagem da cidade é constituída pelas ocupações dos seus espaços públicos, ou seja, sem a ocupação dos indivíduos nos ambientes considerados públicos como as praças, conseqüentemente a cidade não terá vivência ou reprodução da memória urbana, pois esses indivíduos não poderão repassar o cotidiano ocorrido neste, e com essa vivência e construção do lugar, existem vários tipos de territorialidades e representações sociais.

Nesse contexto, buscamos através desta pesquisa monográfica pensar a configuração do espaço Praça da Bandeira campinense através das suas dinâmicas bem como perceber as práticas de ocupação territorial e a percepção desse espaço perante as fotografias e visões dos usuários que frequentam a Praça.

A opção pela Praça da Bandeira justifica-se no fato de esta ser uma localidade da área central da cidade de Campina Grande-PB, além das mudanças na dinâmica urbana da cidade, tendo em vista, a realidade que esta possui, sendo cotidianamente utilizada por diversas pessoas que exercem territorialidades diferentes.

Diante do quadro de referência apresentado, evidencia-se como relevante o estudo das práticas socioespaciais das pessoas que utilizam esta área da cidade de Campina Grande-PB no que concernem as suas influências na estrutura urbana da cidade, uma vez que o redimensionamento, bem como as suas práticas de apropriação espacial, expressa-se em disputa de poder por parte dos membros que utilizam a Praça da Bandeira. Cabe destacar que há diversos tipos de práticas e disputas territoriais nesta, onde há transeuntes, frequentadores, idosos, jovens de escolas ao redor da praça, comerciantes de bancas de revista, donos de quiosques de café, ponto de moto-táxi, entre outros.

Tendo em vista a área da Praça da Bandeira é central, e de grande consumo por parte da população tem-se de acordo com Santos (2006) o significado de atribuir valor de uso a um determinado espaço, onde nesta atribuem múltiplas possibilidades, que por sua vez serão diferentes em relação ao uso do território. Isso significa que, o espaço nesse caso, pode ser modificado com frequência, porém neste se atribuirão características importantes para construção do todo.

A produção do espaço da Praça da Bandeira além de possuir esse valor de uso, possui uma forma social, onde o espaço possui algumas categorias, sendo estas: forma, função, estrutura e processo, cujas definições, segundo Silva (*apud* SANTOS, 2008), apresentam-se a seguir:

a forma é o aspecto visível, exterior de um conjunto de objetos: as formas espaciais; função é a atividade desempenhada pelo objeto criado; a estrutura-social-natural é definida historicamente: nela, formas e funções são criadas e instituídas. As formas e as funções variam no tempo e assumem as características de cada grupo social. É uma concepção histórica e relacional de geografia e do espaço. O processo significa a ação que é realizada de modo contínuo, visando a um resultado que implica tempo e mudança(p. 09).

Visando essa modificação do espaço acontece constantemente, é necessário estudá-lo visto que o homem e suas relações, vendo suas atividades, as características de cada grupo, ou seja, analisar a forma que está distribuída no espaço, que nesse caso vem a ser a Praça da Bandeira. Todo espaço social, portanto deve ser analisado a partir de sua forma, função estrutura e processo. Lefebvre (2006) afirma que, o uso da forma tende a se relacionar com área, contorno e fronteira; estrutura voltada para escala e proporções, e função com o uso dos locais, dos territórios. A divisão dos horários que estes indivíduos mais frequentam.

Conforme os horários do dia há uma modificação no uso deste espaço. Como visto acima, Santos (2006) afirma que características espaciais podem ser modificadas de acordo com sua frequência. Portanto, cabe aqui mencionar o fatodas mudanças periódicas no território da Praça da Bandeira, em que se constata de acordo com aspesquisas presenciais na Praça, dividida por turnos. Para que possamos compreender o território e as relações da Praça da Bandeira (Figura 6) faz-se necessário destacar a sua localização, onde consistem as relações desse objeto de estudo.



A partir dessa localização cartográfica destacamos os horários em que temos a divisão dos grupos sociais que frequentam cotidianamente este espaço. É importante destacar que estes grupos sociais de acordo com Lima (2013) reorganizam o espaço, a partir das suas ações, dessa forma estes dão significados ao espaço. Lima (2013) destaca sobre os grupos sociais o fato de que:

o grupo nada mais é do que uma prática ativa e intencional dos sujeitos humanos reunidos num conjunto” levando-se também em consideração a necessidade coletiva das relações sociais entre homens e o estabelecimento de uma práxis espontânea ou deliberada entre os indivíduos (p. 54).

Dessa forma, os grupos sociais adquirem um perfil característico de acordo com o uso do espaço, das relações de poder no território. Por isto, definimos os horários/turnos (Tabela 1) dos frequentadores da Praça da Bandeira em Campina Grande-PB.

Tabela 1-Horários de usuários na Praça

Turno	Grupos Sociais
Manhã	Idosos, transeuntes, vendedores ambulantes, estudantes, adolescentes
Tarde	Casais, Consumidores, comerciantes, Universitários, Idosos
Noite	Vendedores de Quiosques, Comerciantes, Consumidores, Donos de Lanchonetes/Churrasco,
Madrugada	Moradores de Rua, Comunidade LGBTTT, Território de prostituição, Usuários de drogas.

Fonte: Acervo de pesquisa da autora.

De acordo com essa identificação de territorialidades nos diferentes horários do dia, temos a exposição das múltiplas formas de apropriação do espaço. Dessa forma, destaca Lima (2013):

As múltiplas territorialidades das praças públicas estão dispostas no espaço e no tempo. Para compreendê-las (...) entender como os grupos e agregados sociais se apropriam, usam e consomem as praças públicas em seus diferentes territórios e em suas diferentes temporalidades (p. 49).

Sendo assim, investigamos a maneira com que os cidadãos utilizam a praça de acordo com suas ações e temporalidades que ainda de acordo com Lima (2013) são manifestadas a partir do momento em que os indivíduos ou até mesmo os grupos sociais, disseminam estratégias para controlar, negociar e usar a praça com suas práticas socioespaciais.

2.3 PRAÇA DA BANDEIRA: CAMINHOS PERCORRIDOS NA PESQUISA

Tendo em vista o objeto de estudo Praça da Bandeira, situada na cidade de Campina Grande-PB, o desenvolvimento do projeto utiliza a metodologia da pesquisa qualitativa. Nesse sentido, Godoy (1995) afirma:

[...] é a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, para compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.”trabalhando com a técnica da análise das entrevistas individuais, sendo estes aplicados através de questionário (p.58).

Dessa maneira, é importante destacar o estudo das pessoas nesse método de pesquisa, suas culturas e seu contexto social, pois como afirma Godoy (1995) “a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes (p.21).

Além do reconhecimento do objeto de estudo, que é de essencial importância para este trabalho, houve também um levantamento bibliográfico sobre a formação da Praça da Bandeira localizada na cidade de Campina Grande-PB, ou pesquisa documental mostrando que:

representa uma forma que pode se revestir de um caráter inovador, trazendo contribuições importantes no estudo de alguns temas. Além disso, os documentos normalmente são considerados importantes fontes de dados para outros tipos de estudos qualitativos, merecendo portanto atenção especial(GODOY, 1995, p.21).

A leitura da paisagem será realizada a partir da captura de imagens fotográficas dos determinados grupos sociais, que por sua vez utilizam a praça na sua dinâmica socioespacial. Ou seja, estes documentos (imagens) se incluem na pesquisa documental em que:

Os elementos iconográficos (como, por exemplo, sinais, grafismos, imagens, fotografias, filmes). Tais documentos são considerados “primários” quando produzidos por pessoas que vivenciaram diretamente o evento que está sendo estudado, ou “secundários”, quando coletados por pessoas que não estavam presentes por ocasião da sua ocorrência(GODOY,1995,p.21).

Os questionários servem, de complemento na busca pela identificação de aspectos da paisagem de forma a ser elaborado uma síntese das dinâmicas socioespaciais evidenciadas na praça. Durante a aplicação dos questionários, realizamos a leitura geográfica a partir das imagens capturadas evidenciando conceitos-chave da Geografia assim como uma leitura da dinâmica socioespacial do recorte fotográfico obtido de forma a relacionar com as práticas cotidianas e seu reflexo como expressão da identidade no que se refere ao espaço Campina Grande. Levando em

consideração o estudo, tem-se a dinâmica de exploração da dinâmica socioespacial, através de estudo de caso. Que por sua vez é um estudo que adota um enfoque exploratório e descritivo, enfatizando várias dimensões, combinando observação das ações mais entrevistas/questionários (GODOY,1995,p. 26).

Este trabalho apresenta algumas implicações no que diz respeito ao levantamento bibliográfico, pelo fato de não haver muitos documentos que relatem sobre a Praça da Bandeira, no que diz respeito a acervos históricos. Embora complementado com pesquisas em livros sobre a cidade e sua evolução, e também com pesquisas na internet. Além disso, na reta final da pesquisa, alguns imprevistos surgiram devido à reforma que a Praça da Bandeira, vem a sofrer, onde haverá um melhoramento no seu espaço físico e estrutural, para um melhor convívio da população, que por sua vez, utiliza bastante esse ambiente. Além disso, na questão das fotografias durante a madrugada se tornaram limitadas por questões de segurança, ou seja, os grupos deste turno foram destacados nesse turno tomando por base acervo da pesquisa.

No capítulo a seguir, veremos a Praça da Bandeira e suas representações através das análises fotográficas, fazendo uma associação das práticas socioespaciais, juntamente com a análise dos questionários.

4- IMAGENS E IDENTIDADES: A CONSTRUÇÃO DA PRAÇA DA BANDEIRA VISTA ATRAVÉS DE FOTOGRAFIAS.

“Trata-se de um retrato histórico da cidade de Campina Grande, por ter vários anos de existência.” Obtido através de pergunta no questionário sobre a Praça da Bandeira

3.1- IDENTIDADES NA PRAÇA DA BANDEIRA

Nosso objetivo nesse capítulo é expor o uso do espaço, através da análise das fotografias da Praça da Bandeira, assim expondo as identidades que são encontradas nesta localidade central da cidade de Campina Grande-PB. Além disto, no outro tópico, abordamos os resultados dos questionários aplicados.

No contexto de cidade, temos uma visão cercada por símbolos e imagens que propõe o favorecimento da observação, de análise e interpretação da dinâmica, que por sua vez, se faz marcada neste espaço, que frequentamos e/ou vimos rapidamente, ou seja, agregamos as informações presentes na configuração deste ao nosso cotidiano. É comum visitarmos locais e nos recordarmos de momentos já vivenciados ou que somente vimos pela televisão.

As exposições de imagens, a arrumação das figuras e o alinhamento das cores nos deixam fantasiar vários momentos através de um simples olhar de uma placa na rua, *outdoors*, propagandas nos carros ou até mesmo em uma simples embalagem de algum produto que consumimos. Para Jung (2008) os símbolos são produzidos espontaneamente pelo inconsciente apesar de poderem posteriormente ser elaborados conscientemente.

O que chamamos de símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária, embora, possua conotações especiais além de seu significado evidente e convencional. Assim uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado[...] (JUNG, 2008. p. 16).

Sendo assim, abordamos as imagens/símbolos da Praça da Bandeira de acordo com essa vida diária, ou cotidiano que as pessoas criam e estabelecem frequentemente, criando memórias, afetividades, culturas, entre outros.

A cidade é um espaço cheio de memórias, é um ambiente que construído é muito mais que uma paisagem estática, ou seja, é preciso interpretar para viver realmente essas memórias, afirma Rebouças (1978). Nessas lembranças, portanto, estão apontadas identidades. Este conceito possui uma diversidade infinita de significados e definições em diversas áreas, porém na ideia trabalhada aqui neste capítulo abarcamos as questões de construção social, ou seja, temos uma identidade cultural, no qual Lima (2013) afirma que esta identidade auxilia no alinhamento dos nossos sentimentos subjetivos em relação a lugares, que ocupamos no mundo social ou cultural.

Outra definição significativa para identidade surge a partir da própria construção desta, na qual Patriota (2002) cita:

A identidade é o que nos diferencia dos outros, o que nos caracteriza como pessoa ou como grupo social. Ela é definida pelo conjunto de papéis que desempenhamos e é determinada pelas condições sociais decorrentes da produção da vida material. Quando nos referimos à identidade cultural, referimo-nos ao sentimento de pertencimento a uma cultura nacional, ou seja, aquela cultura em que nascemos e que absorvemos ao longo de nossas vidas (p. 03).

Dessa maneira, a identidade se modifica de acordo com a forma que o indivíduo é interpretado, ou seja, relacionamos assim os grupos sociais e sua frequência no território, que neste caso vem a ser a Praça da Bandeira, com a dinâmica social, assim a Praça é um local de consumo, trabalho, lazer, turismo, entre outros, que se modifica de acordo com os grupos, horário mais frequentado, os grupos que o frequentam, e assim por diante.

Para Hall (1993 *apud* DIAS, (2011):

[...]as identidades e perfis de personagens centrais da análise da cultura se sustentam na ideia de que as identidades estão sempre em processo de formação, de modo que não se pode falar em identidades fixas, inalteradas. Embora a noção de identidade esteja relacionada a “pessoas que se parecem”, “sentem a mesma coisa” ou “chamam a si mesmas pelo nome”, estes são referenciais insuficientes, que não satisfazem aos pressupostos necessários à compreensão adequada do fenômeno da identidade. Como um processo, assim como uma narrativa ou bem como um discurso, “a identidade é sempre vista da perspectiva do outro (pag. 15).

De acordo com Hall (2003), a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. desta forma, podemos perceber que os indivíduos que frequentam a Praça da Bandeira possuem essa relação de pertencer à cidade.

Destacamos que a dinâmica da Praça da Bandeira, não possui uma ordem, em que os grupos vão até este espaço, originando certo vínculo com o próprio local e desenvolvimento de laços

afetivos com os outros usuários do ambiente, dessa maneira, vários grupos podem estar presentes (Figura 7), ocasionando em proximidades de grupos, como afirma Lima (2013):

O fato de uma praça pública ser configurada, sobretudo para o consumo ou para o lazer contemplativo ou social, não quer dizer que os grupos que são formados e favorecidos pela condição de um lugar, não possam estar presentes ou em permanente cruzamento com outros grupos de outras praças, independente das suas predisposições físico-ambientais. Pelo contrário, os grupos estão sempre em cruzamentos, encontram-se permanentemente nos diferentes espaços. (p. 162)



Grupos Sociais distribuídos na Praça da Bandeira.

Fonte: Ivna Sousa, 2016

Essa imagem nos mostra exatamente a distribuição de “barracas” de vendas, ponto de moto-táxi, transeuntes, contempladores, ou seja, temos uma dinâmica diversificada no território. Vale ressaltar que essa imagem foi capturada no horário da manhã de uma terça-feira, onde existe uma maior concentração de idosos, transeuntes, adolescentes (Ver tabela no capítulo 2, p. 30) na Praça da Bandeira.

3.2- GRUPOS SOCIAIS: CONSTRUÇÃO DO PERFIL DOS FREQUENTADORES DA PRAÇA DA BANDEIRA VISTO NAS FOTOGRAFIAS

Os grupos sociais estão presentes em todos os lugares da cidade, estes geram uma territorialidade que definem as sociabilidades das praças públicas e dão diferentes significados no que se refere ao contexto urbano de uma cidade (LIMA, p.64, 2013). Ou de forma mais abrangente como explica Alexandre (2002); os grupos sociais:

Supõe um conjunto de pessoas num processo de relação mútua e organizado com o propósito de atingir um objetivo imediato ou mais a longo prazo.[...] A realização do objetivo impõe tarefas, regras que regulem as relações entre as pessoas (normas), num processo de comunicação entre todos os participantes e o próprio desenvolvimento do grupo em direção ao seu objetivo (p.211).

Nesse aspecto, é importante destacar a dinâmica do consumo da praça pública, pois estes grupos se apropriam cotidianamente modificando o uso do território e criando territorialidades, que por sua vez, se manifestam a partir do momento em que estes grupos sociais lançam formas de controle do espaço, negociações do uso deste espaço, através da influência de pessoas. Pode ser compreendida ainda como um “tipo de delimitação espacial, onde vigora algum tipo de comunicação”. Comunicação esta que gera um controle do espaço. Destacamos que a Praça da Bandeira é um ponto de comércio, onde estão bancas de revistas, pequenas lojas que comercializam CDs, DVDs e consertos de equipamentos celulares. Possui também a casa lotérica e um café, onde diariamente muitas pessoas se reúnem para uma conversas e diálogos, há uma grande dinâmica no que diz respeito a este espaço, estimado um dos mais importantes pontos de encontro da cidade. O café Aurora é considerado “a aurora da paisagem de Campina Grande”, ou seja, não é só um local para uma “boa conversa” é um local de vivências, experiências, de fato é visto como o lugar de encontro desde 1984.

É importante então destacarmos aqui, a distribuição dos grupos sociais encontrados na Praça da Bandeira, temos por sua vez no horário das manhãs da semana, encontramos diversas pessoas, é, portanto o turno mais freqüentado do dia, em que podemos observar idosos (Figura 8A), adolescentes, consumidores em geral, moto-táxi (Figura 8B), estudantes, transeuntes e freqüência de policiais, crianças passeando com os pais.

Figura 8A



Figura 8B



Figura 8A: Idosos na Praça.

Figura 8B: Ponto de moto-táxi na Praça da Bandeira.

Fonte: Ivna Sousa, 2015.

Abordando as práticas estabelecidas nas tardes da semana, foi possível observar o grande número de pessoas que transitam pela Praça da Bandeira, embora a frequência seja menor do que no turno da manhã, vemos por suas vezes, consumidores em geral, vendedores (Figura 9A), pessoas que vêm fazer lanche em estabelecimentos da Praça (Figura 9B), transeuntes (Figura 9C), pessoas que apenas aguardam o transporte coletivo na Praça (Figura 9D) e pessoas que vêm apenas para comprar revistas em algumas das três bancas (Figura 9E) que estão inseridas no mesmo lado, em frente a sede dos correios. Dessa forma, há uma dinâmica não estável durante os horários, uma mudança nos possíveis usuários deste território.



Figura 9A



Figura 9B



Figura 9C



Figura 9D



Figura 9E

- Figura 9A- Vendedores Ambulantes
 Figura 9B- Consumidores
 Figura 9C- Transeuntes
 Figura 9D- Pessoas aguardando transporte coletivo
 Figura 9E- Bancas de Revista da Praça

Durante as noites da semana, também existe uma frequência considerável de consumidores ao redor da praça, principalmente no que diz respeito a bebidas alcoólicas, ponto de churrasco e outros lanches (Figura 10A). É possível notar o grande fluxo de carros nesse turno (Figura 10B). Este fluxo de pessoas diminui a partir das 23h devido ao fechamento das lojas, dos pontos de comércio, da falta de rotatividade dos ônibus, além da violência no centro da cidade.



Praça da Bandeira durante a noite.
Fontes: elefanteverde.com.br/ Panoramio.com

Na madrugada, o consumo da Praça é exercido por outras territorialidades, que segundo Souza (2010) seriam os grupos sociais diversos (minorias étnicas, prostitutas, homossexuais etc.), fazendo referência as tipologias territoriais flexíveis, sendo relevante no que diz respeito à ciência geográfica. Ao falar destes territórios temos:

Quando a noite chega, porém, as lojas, com exceção dos bares e *night clubs* estão fechadas, e os transeuntes diurnos, como trabalhadores “normais”, pessoas fazendo compras [...] cedem lugar a outra categoria de frequentadores, como prostitutas (ou travestis, ou ainda rapazes de programa).[...] estes territórios são bastante “móveis”. Os limites tendem a ser instáveis, com as áreas de influência deslizando por sobre o espaço concreto das ruas, becos e praças [...](SOUZA, 2010, p.88)

Aqui nós temos conseqüentemente, uma diversidade no uso do território no que diz respeito aos horários e grupos sociais, como citado anteriormente. É importante destacar que nos fins de semana, necessariamente no sábado e domingo, a dinâmica da Praça da Bandeira, muda completamente, assim como o centro da cidade se torna um local bastante movimentado (Figura 11A), com este espaço não poderia ser diferente, ou seja, nos sábados pela manhã (Figura 11B), é possível notar uma grande quantidade de pessoas circulando na Praça, seja para atos de passeio ou para consumir algo.

Figura 11A



Figura 11B



Figura 11A- Praça da Bandeira vista de cima
Figura 11B- Comércio na Praça da Bandeira aos sábados.
Fonte: paladardobrejo.blogspot.com/Paraíba.pb.gov.br

Porém aos domingos, este ambiente fica totalmente consideravelmente inabitável (Figura 11C), com pouca movimentação ou quase nenhuma circulação de pessoas ou até mesmo de vendedores ambulantes, entre outros, pois não tem uma dinâmica voltada para o comércio e nem em outros serviços na cidade.

Figura 11C



Praça da Bandeira aos domingos.
Fonte: professormarelodantas.blogspot.com

Desta forma, os principais grupos identificados nesta pesquisa, a partir tanto de imagens, quanto de pesquisa de campo foram: transeuntes, estudantes, idosos, vendedores ambulantes, donos de quiosques, casais de namorados, adolescentes, pais, taxistas e moto-taxistas.

3.3- ANÁLISE DOS GRUPOS SOCIAIS E DA SUA SOCIABILIDADE

Os dados apresentados a seguir fazem parte de 40 entrevistas estruturadas, algumas aplicadas entre 4 e 9 de Janeiro de 2016, e outras aplicadas em volta da Praça da Bandeira no período 30 de Março à 2 de Abril.

Através da análise destes dados foi possível traçar um perfil dos frequentadores deste espaço público. É importante lembrar, que os dados fazem referência ao território da Praça da Bandeira em si, e não ao perfil individual de cada usuário, compreendendo as diversas territorialidades.

A escolha dos entrevistados se deu por meio da disponibilidade das pessoas para responder ao questionário. Houve, portanto, uma variação no que se refere aos sujeitos da pesquisa. Um primeiro elemento a ser abordado é a faixa etária dos entrevistados, que teve variação entre 14 e 65 anos de idade, há uma grande diversidade em questão de consumo da Praça no qual existe uma grande distinção ou disparidade no contexto de fases da idade. Dos 40 entrevistados foram 23 mulheres e 17 homens que tiveram disponibilidade para participar do questionário.

Grande parte das pessoas que frequentam a Praça da Bandeira trabalham, poucas delas encontram-se desempregadas ou em empregos temporários, esta distribuição se destina a uma variedade de ocupações distribuídas em: recepcionista, vendedor ambulante, professor, autônomo, camelô, empregada doméstica, atendente de telemarketing, consultor de vendas, moto-táxi e motorista de ônibus.

Como sabemos a Praça da Bandeira localiza-se num local central da cidade, vários meios de transporte são utilizados pelos habitantes para se chegar até lá, estes utilizam mais o transporte público (ônibus), embora, algumas pessoas também vão de moto (própria/moto-táxi) e carro (próprio/alternativo). Os bairros variaram na pesquisa sendo estes Malvinas, Santa Rosa, Liberdade, Alto Branco, Bodocongó, Pedregal, Centro, Centenário e São José.

O senhor (J.G) 65 anos, afirma que faz mais de 15 anos que frequenta a Praça, e esta se tornou seu local preferido de encontro com os amigos, geralmente vai tomar café, conversar, jogar dominó, ele falou que antigamente era um local muito mais frequentado por famílias de toda cidade. Ele ainda mencionou o gosto pela configuração atual do espaço, com seus bancos e sua arborização, embora fale que a reforma trará melhores resultados no que diz respeito a circulação de pessoas.

O horário em que há um maior fluxo de pessoas na Praça da Bandeira de acordo com os pesquisados é o turno da manhã, já que elas afirmaram ter mais tempo para resolver situações pessoais, tomar um café, pagar contas, entre outros. Além disso, alunos do Colégio Alfredo Dantas (CAD) e Colégio Imaculada Conceição (CICDAMAS) vão no final das suas aulas para conversar com seus amigos e ainda esperar ônibus ou os pais.

Grande parte dos entrevistados costumam ir até a Praça pelo menos uma vez na semana, seja para passeio, compras, pagar contas no centro ou ter que apenas passar por ela, esperar alguém para ir até outro local. Dependendo de ter companhia ou não, grande parte dos usuários da Praça chegam a ficar de 20 a 25 minutos na Praça, embora grande parte dos entrevistados afirmaram ir até o local com familiares e/ou amigos.

A maioria das pessoas considera a Praça da Bandeira um local seguro, principalmente no turno da manhã e da tarde, quando há um fluxo maior de pessoas e de policiais, diferentemente da noite que se torna um espaço menos frequentado, portanto afirmam ser mais arriscado para circular.

Grande parte das pessoas que frequentam a praça vão conversar com outras pessoas, e deste modo afirmaram que costumam usufruir dos canteiros que possuem muita arborização, pois a temperatura fica mais amena, tornando o ambiente mais agradável. Não costumam estabelecer um ponto específico para ficar, desta forma estão sempre distribuídos em volta ou no meio como podemos ver (Figura 12).



Percebemos na fala dos entrevistados um grande sentimento de afeto para com a Praça da Bandeira, eles afirmam que o local é um patrimônio cultural para a cidade, um espaço dinâmico, que oferece bem estar aos que frequentam ou apenas passam, e vem a ser um lugar para comunicação e socialização para a terceira idade.

Na fala da maioria dos indivíduos foi citada outra Praça que também é freqüentada por eles, a Praça Clementino Procópio (Figura 13A), também conhecida como “Praça dos Hippies” (Figura 13B), geralmente eles elaboram as mesmas atividades da Praça da Bandeira, embora afirmem que esta parece ser um ambiente mais perigoso devido às pessoas que o frequentam, ou seja, percebemos um preconceito na fala dos entrevistados considerando os moradores de rua que se estabelecem comumente neste local. Tornando visível no discurso de que a Praça mais sociável e agradável, além de central para encontros e eventos a Praça da Bandeira, que devido seus anos de existência se torna um local de fundamental importância para a cidade e para os cidadãos que utilizam. As pessoas em maior número enfatizaram que é grande a circulação de pessoas em todos os horários, não se incomodando com a presença específica de nenhum grupo social, afirmando que este é um local público e todos que quiserem usufruir tem esse direito.

Figura 13 A



Figura 13 B



Praça Clementino Procópio- “Praça dos Hippies”
Fonte: www.panoramio.com. 2014

Foi possível constatar no relato das pessoas, através do questionário, que a Praça em estudo possui atrações variadas e diversas, nas quais se destacam: passeios com amigos, alimentar-se, contemplar a paisagem, participar de algum evento, conversar, esperar alguém, namorar, trabalhar com vendas na Praça, assim é possível identificar uma territorialização de interesses variados.

Discutindo sobre essa territorialização que gera territorialidades, temos um conceito bastante complexo de acordo com Lima (2013) devido as suas diferentes formas de apropriação, e uso, fazendo-se necessário perceber estas apropriações de acordo com o espaço-tempo. A territorialidade portanto, se define como “tentativa de um indivíduo ou grupo para afetar, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos ou relações, e para delimitar e impor controle sobre uma área geográfica. Essa área se chama território.” (Lima *apud* SACK, 1986).

Avaliando todos os questionários, a grande declaração do que falta na Praça da Bandeira seria uma melhora nas suas condições físicas, que vem a ser algo simultâneo atualmente no território, ou seja, esta passa atualmente por uma reforma (Figura 14A), esta teve seu processo iniciado no final de fevereiro do ano de 2016 (Figura 14B). Além disso, alguns indivíduos afirmaram que se faz preciso a inserção de bancos de madeira para ser mais tradicional ao sentido de Praça, e um espaço esportivo ao ar livre para aqueles que gostam de se exercitar em locais públicos. Dessa maneira, todos os entrevistados aprovam a reforma desse espaço tão utilizado e frequentado pelos cidadãos campinenses, que já vinha sofrendo alguns processos de deterioração na sua estrutura.

Figura 14 A



Figura 14 B



Reforma da Praça da Bandeira em 2016.
Fontes: folhavipcajazeiras.blogspot.com e www.pmcg.com.br

Quase todos os entrevistados falaram que os eventos sempre marcam mais os momentos que estão na Praça, por acontecer num local central e reunir muitas pessoas, além de se tornar algo constante estar presente neste ambiente. Também enfatizam que é de extrema importância a

presença dos quiosques de alimentação em qualquer local público com grande circulação de pessoas, pois estar em uma ambiente esperando alguém, conversando ou o simples ato de andar pelo centro da cidade conseqüentemente, causa fome nas pessoas havendo a necessidade de vendedores ambulantes e/ou quiosques. A maioria das pessoas, informou não conhecer ou ter amizade com algum dono de ponto de venda, embora mantenha diálogo enquanto consome algum produto de um determinado estabelecimento.

Sobre os eventos que sempre acontecem na Praça da Bandeira, os entrevistados aprovaram em sua maioria, afirmando que quando esses ocorrem o espaço se torna mais dinâmico e mais optativo em relação a serviços disponíveis, estas ainda afirmaram que durante todo ano, sempre tem uma diversidade de eventos no interior da Praça, sendo estes políticos (Figura 15A), que geralmente envolve o direito a democracia, eventos culturais (Figura 15B), que sempre atrai uma grande diversidade de público, eventos sociais (Figura 15C) é de costume indivíduos se reunirem na Praça para arrecadar finanças em prol de algum serviço beneficente, ou apenas eventos de diversão (Figura 15D).

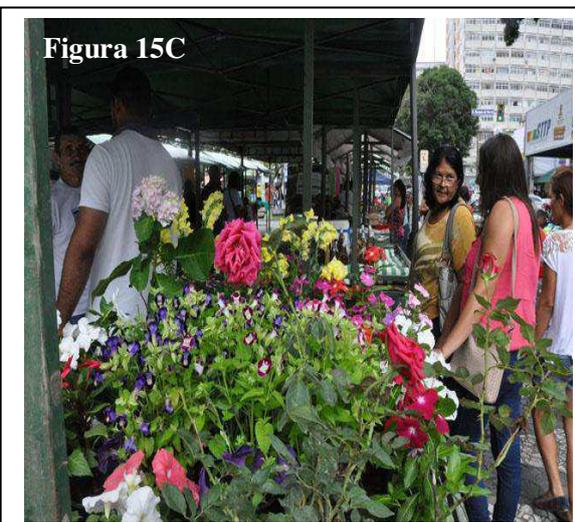


Figura 15A- Manifestação de professores na Praça da Bandeira

Figura 15B- Dança de Arte Circense

Figura 15C- Evento das Flores

Figura 15D- Pessoas se reuniram para comprar figurinhas da Copa na Praça.

Fonte: g1.com.br/paraibatotal/imaculdaneuws.com/rainhadaborborema.blogspot.com

Por este prisma, observamos que os interesses se tornam diferentes em cada grupo social, ou seja, se modificam conforme o momento no respectivo território, no qual se tem grupos de consumidores, grupos que buscam momentos culturais, grupos que se movem em torno da política e economia da cidade, têm alguns grupos que buscam apenas lazer e momentos de conversa com amigos, e outras que trabalham na praça. É importante enfatizar que território é caracterizado por um ou mais conteúdos identitários, assim como toda identidade possui, como um dos seus alicerces, a base territorial e se elabora repetidamente a partir dos processos de territorialização (LIMA, 2013,p.163).

É nesse meio de várias classificações sociais e territoriais, que se faz importante o estudo sobre as praças públicas, que abarca diversos conflitos e interações da sociedade emergindo campos de estudos culturais, históricos e geográficos, viabilizando o acesso ao conhecimento da dinâmica urbana, tendo em vista os processos sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre as práticas socioespaciais do cotidiano visto na Praça da Bandeira em Campina Grande- PB nos mostrou a diversidade de territorialidades neste espaço. Obviamente a intenção deste trabalho não foi esgotar a análise do tema, mas tentar obter compreensão máxima sobre este fenômeno recorrente na Praça, conhecendo um pouco mais sobre tal localidade, adentrando na realidade da cidade, além de ter noção da Teoria das Representações Sociais e dos conceitos básicos da Geografia. É importante deixar claro que não perdemos de vista o objetivo, que foi analisar as práticas socioespaciais através do uso de fotografias na Praça da Bandeira.

Desta maneira, percebemos que há uma mudança constante no que diz respeito a esse espaço público. Essas modificações acontecem de forma cotidiana e não intencional, ou seja, ocorre de acordo com as necessidades da sociedade, no qual os grupos que fazem parte deste âmbito têm o desejo de sociabilizar. Neste espaço, portanto, temos e vimos às relações de poder, principalmente no que diz respeito ao comércio, porém observamos a permanência afetiva relacionada com o conceito de lugar.

No que diz respeito à reforma atual da Praça da Bandeira, temos a ação política do Poder Público, que abarca principalmente a visibilidade que o local possui por ser central, trazendo a promoção daquele que executa a ação. Observamos que este território é composto por interações e diversidades, tanto culturais, quanto econômicas, políticas e sociais, que juntos formam as identidades que se modificam de maneira dinâmica neste espaço. Com a reforma da Praça da Bandeira conclui-se que a frequência dos grupos na Praça se intensificará consideravelmente.

A Praça da Bandeira é um espaço que faz parte desta conjuntura política através dos seus eventos, que ocorrem de maneira democrática e da conjuntura econômica, principalmente por ser um espaço de relações sociais que influenciam na formação de identidades. E da conjuntura cultural por trazer sentido as peculiaridades de cada grupo social identificado. Vimos que a Praça da Bandeira é um local tanto voltado para trabalho, consumo, quanto para lazer, onde os grupos sociais e suas práticas socioespaciais se reinventam a cada dia, a cada horário, enfatizando sobretudo, as relações de poder.

Dessa maneira, o território da Praça da Bandeira nos mostra uma dinâmica particular, sendo identificado múltiplas territorialidades neste, através dos grupos sociais e suas práticas de uso do espaço. Neste lugar, se fazem presentes as relações humanas, a partir da liberdade em que os cidadãos têm para ocupar determinado espaço e se apropriar deste, para criar e reinventar a dinâmica a cada dia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRE, Marcos. Breve descrição sobre processos grupais. In: **Comum** - Rio de Janeiro, v.7, n. 19, p. 209 a 219, ago./dez. 2002.

ARRUDA, Angela. Viver é muito perigoso: A pesquisa em Representações Sociais no Meio do Rodamoinho. In: ARRUDA, Angela. **Representações Sociais: abordagem interdisciplinar**. – João Pessoa: Universitária, 2003.

CALDEIRA, Junia Marques. A praça Brasileira: trajetória de espaço urbano – origem e modernidade. **Biblioteca do IFCH**. Campinas, SP : [s. n.], 2007. Disponível em <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/brasil/trabalhos/OCR_CALDEIRA.pdf> Acesso em 06 de Março de 2016.

CASTELLS, Manuel. A construção da identidade. In: _____. O poder da Identidade. São Paulo: **Paz e Terra**, 1999. p. 22-28.

CATALÃO, Igor. Socioespacial ou sócio-espacial: continuando o debate. **Revista Formação Online**, n. 18, volume 2, p. 39-62 , jul./dez., 2011. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/viewFile/597/1226>> Acesso em 04 de Março de 2016.

DIAS, Alfrancio Ferreira. **Dos estudos culturais ao novo conceito de identidade**. - Itabaiana: Gepiadde, Ano 5, Volume 9 | jan-jun de 2011.

GODOY, A . S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo. v.35, n.2, p.57-63. 1995.

GUIMARÃES, Gleny Teresinha Duro. O não cotidiano do cotidiano. In: _____(Org.). **Aspectos da teoria do cotidiano**: Agnes Heller em perspectiva. Porto Alegre, 2002. 147p.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na pós-modernidade**. 8 ed.- Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

JUNG, Carl g. **Chegando ao Inconsciente**. In: O Homem e seus Símbolos. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

LEFEVBRE, Henry. A produção do espaço Urbano. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: **La production de l'espace**. 4e éd. Paris: ÉditionsAnthropos, 2000). Primeira versão : início - fev.2006.

LEITE, MíriamLifchitz Moreira. Texto Visual e texto Verbal. In: LEITE, MíriamLifchitz Moreira;In:**Desafios da imagem: Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais**. – Campinas, SP: Papyrus, 1998.

LIMA, Aloisio da Silva. O uso das Representações Sociais na Construção de Mapas Cognitivos. (Org):LIMA, Aloisio da Silva. In:**Representações Sociais: abordagem interdisciplinar**. – João Pessoa: Universitária, 2003.

LIMA, Jeyson Ferreira Silva de. Praças Públicas caicoenses: Territorialidades, sociabilidades e identidades. 2013. 181 f. **Dissertação (Mestrado)**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2013.

MARTINS, José de Souza. A fotografia e a vida cotidiana: ocultações e revelações. (Org): MARTINS, José de Souza. In: **Sociologia da fotografia e da imagem** – 1. Ed., 1ª impressão – São Paulo: Contexto, 2009.

MOSCOVICI, Serge. **La Psychanalyse, son image et son public**. Paris: P.U. F, 1976.
PATRIOTA, Lúcia Maria. Cultura, identidade cultural e globalização. In: **Universidade Estadual da Paraíba**. Nº 4, João Pessoa, 2002.

NARCISO, Carla Alexandra Filipi. Espaço público: acção política e práticas de apropriação. Conceito e procedências. In: **Estudo e pesquisas em psicologia**. UERJ, Ano 9, n.2, p.265-291. 2009.

PEREIRA, Maria Madalena Dias Calhau Esquível. Praças públicas sustentáveis (Caso de renovação das praças). **Dissertação de Mestrado**. Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa, 2008.

PINTO, Renata Inês Burlacchini Passos da Silva. A praça na história da cidade: O caso da Praça da Sé-Suas faces durante o século XX(1933/199). 2003. 77 f. **Dissertação (Mestrado)**. Faculdade de Arquitetura. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

REBOUÇAS, Jaqueline Argolo. Memória e identidades: entre as representações de uma cidade (amargosa, 1930 – 1950) In: **Revista amargosa cidade jardim**. 1ª exposição agropecuária de amargosa. 1978.

SÁ, Marisa Braga de. A Paisagem Recriada: um olhar sobre a cidade de Campina Grande. In: **Imagens multifacetadas da história de Campina Grande**. Campina Grande: Prefeitura Municipal de Campina Grande, 2000.

SANTOS, Maria de Fátima de Souza & ALMEIDA, Leda Maria de (org.). A Teoria das Representações Sociais. In: **Diálogos com a teoria da representação social**. – Ed. Universitária da UFPE, 2005.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço. 4 d. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 2006.(**Coleção Milton Santos; 1**).

SEARLE, John R. **Intencionalidade**. -2ª ed.- São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SILVA, Josefa Gomes de Almeida e. Raízes Históricas de Campina Grande. In: **Imagens multifacetadas da história de Campina Grande**. Campina Grande: Prefeitura Municipal de Campina Grande, 2000.

SILVA, Sueli Santos da. Milton Santos: Concepções da geografia, espaço e território. **Geo UERJ** - Ano 10, v.2, n.18, 2008. p. 1-19.

SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa. Lazer, prazer e dor em Campina Grande nas décadas de 1940-1950. **Revista Espacialidades**, v. 5, n. 4. p. 31. 2012.

SOUZA, Marcelo José Lopes de,. O território sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: Iná Elias de Castro (org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2010. P.77-116.

APÊNDICE A ROTEIRO DE ENTREVISTAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
PROJETO: RECORTES DO COTIDIANO: O USO DE FOTOGRAFIAS NA
ANÁLISE GEOGRÁFICA DAS PRÁTICAS SOCIOESPACIAIS NA **PRAÇA DA
BANDEIRA EM CAMPINA GRANDE-PB**
DISCENTE: IVNA MORGANA DE SOUSA COSTA
ATIVIDADE DE CAMPO

Nome:	Idade:
Sexo: F(<input type="checkbox"/>) M (<input type="checkbox"/>)	Profissão:
Bairro onde mora:	

- 1) Qual é o seu meio de locomoção você utiliza para vir à Praça da Bandeira?
- 2) Você vem só ou acompanhado à Praça da Bandeira?
- 3) Há quanto tempo frequenta a Praça da Bandeira?
- 4) Que horário (turno, hora) você mais frequenta à Praça?
- 5) Quantas vezes por semana você vem à Praça?
- 6) Quanto tempo (horas) você fica na Praça?
- 7) Você acha essa Praça um local seguro?
- 8) O que você vem fazer na Praça?
- 9) Qual local costuma ficar na Praça?
- 10) O que esta Praça significa pra você.
- 11) Você frequenta as outras praças da cidade?
- 12) Qual a Praça mais importante da cidade pra você?
- 13) Você se incomoda com a presença de algumas pessoas na Praça? Quais?
- 14) O que te atrai na praça?
- 15) O que falta na Praça?
- 16) O que mais lhe marcou nas vezes que esteve na Praça?
- 17) O que você acha das presenças dos quiosques de alimentação na Praça?
- 18) Você conhece algum dono de quiosque da Praça?

19) Você concorda com eventos na Praça?

20) O que você acha da atual reforma na Praça da Bandeira?